

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Margarete Marinho Pires de Almeida

ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA: o que a Educação Infantil tem a ver
com isso?

BELO HORIZONTE

2019

Margarete Marinho Pires de Almeida

ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA: o que a Educação Infantil tem a ver
com isso?

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria Carolina da Silva Caldeira

BELO HORIZONTE

2019

A447a
TCC

Almeida, Margarete Marinho Pires de, 1977-

Alfabetização, leitura e escrita [manuscrito] : o que a Educação Infantil tem a ver com isso? / Margarete Marinho Pires de Almeida. - Belo Horizonte, 2019.

54 f., il.

Orientadora: Maria Carolina da Silva Caldeira.

Trabalho de conclusão de curso - (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Inclui bibliografia e apêndices.

1. Educação pré-escolar. 2. Alfabetização. 3. Leitura. 4. Escrita.

I. Título. II. Caldeira, Maria Carolina da Silva. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 372.21

Catálogo da Fonte* : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário[†]: Albert Torres – CRB6 2582

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica[†].)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO SEPTUAGÉSIMO SÉTIMO TRABALHO FINAL DO CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO MÚLTIPLAS LINGUAGENS EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Alfabetização, leitura e escrita: o que a Educação Infantil tem a ver com isso?”, do(a) aluno(a) **Margarete Marinho Pires de Almeida**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Maria Carolina Silva (orientador) e Kely Cristina Nogueira Souto. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 95, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Margarete Marinho Pires de Almeida Registro na UFMG: 2018750237
Margarete Marinho Pires de Almeida

Maria Carolina da Silva Caldiera

Maria Carolina Silva
Professor(a) Orientador(a)

Kely Cristina Nogueira Souto

Kely Cristina Nogueira Souto
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha

Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus, pela minha vida, por tudo que sou e tenho. Pela oportunidade de estudar e adquirir novos conhecimentos.

À minha família, em especial meu amado esposo Vitor, pelo cuidado com os nossos filhos e incentivo diário para persistir.

A todos os professores, em especial a minha professora orientadora Maria Carolina, pelo suporte na escrita do TCC, com orientações, correções e incentivos.

Aos colegas do curso de Especialização das Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, por serem meus parceiros nesta jornada.

Margarete! Eu sei escrever, mas não sei ler junto, só sei ler letras e meu nome.

Emanuel – 5 anos

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar as concepções de 14 professoras e 25 famílias de uma turma de 5 anos de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) de Belo Horizonte e acompanhar o desenvolvimento da linguagem escrita das crianças dessa referida turma. Toda a investigação se deu a partir do questionamento de algumas professoras e familiares: na EMEI alfabetiza? Para a investigação, foi realizado um questionário com as professoras e famílias das crianças dessa turma sobre as expectativas das mesmas em relação à alfabetização na educação infantil. A análise das concepções apresentadas possibilitou esclarecer o questionamento e aponta que professoras e famílias encontram-se confusas sobre como se dá o processo de aquisição da leitura e da escrita. Percebemos que as crianças da educação infantil participam ativamente das ações que envolvem leitura e escrita de maneira espontânea, demonstrando aprendizado significativo e grandes avanços na linguagem escrita. Nesse sentido, procuramos entender a alfabetização como um processo que se inicia desde o nascimento da criança, uma vez que ela está inserida em um mundo letrado. O importante não é se alfabetiza na EMEI, mas como se dá esse processo.

Palavras-chave: Educação Infantil. Alfabetização. Leitura. Escrita.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relato das professoras	35
Figura 2 - Dinâmica com as brincadeiras da infância das professoras.....	36
Figura 3 - Gráfico com resultado da evolução dos níveis de escrita.....	41
Figura 4 - Hipótese de escrita de duas crianças.....	42
Figura 5 - A escrita dos nomes dos familiares da criança Davi.....	43
Figura 6 - Evolução da escrita do nome próprio da criança DANILO.....	44
Figura 7 - Cantinhos com atividades diversificadas.....	45
Figura 8 - Momento em que as crianças escrevem e desenham.....	45
Figura 9 - Lucas lê um livro ao seu modo e cria uma atividade.....	46
Figura 10 - Momento em que a criança diz escrever igual a um professor.....	46
Figura 11 - Organização de uma loja com as embalagens.....	47

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 Infância e linguagem	14
2.2 Alfabetização e letramento na educação infantil	16
3 CONTEXTUALIZAÇÃO	19
3.1 A educação infantil como primeira etapa da educação básica	19
3.2 Docência na educação infantil.....	20
3.3 O currículo na educação infantil	23
3.4 Leitura literária na formação da criança como leitora	25
4 OBJETIVOS.....	29
4.1 Objetivo geral	29
4.2 Objetivos específicos	29
5 METODOLOGIA	30
6 ANÁLISE DOS DADOS.....	32
6.1 Questionários das professoras.....	32
6.2 Concepção das famílias	38
7 PLANO DE AÇÃO.....	41
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE A	55
APÊNDICE B	56

1 INTRODUÇÃO

Apesar de vários estudos e pesquisas realizados no âmbito da educação infantil, ainda temos muitas questões sobre alfabetização, leitura e escrita para serem esclarecidas, no que se refere ao trabalho pedagógico desenvolvido com as crianças pequenas. No percurso profissional, é possível perceber professoras ansiosas sobre como proporcionar aos bebês e às crianças pequenas da educação infantil aulas significativas, que atendam suas expectativas e capacidades, principalmente nas ações que envolvem a linguagem escrita. Este trabalho tem o objetivo de analisar as concepções das professoras e das famílias de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI Jaqueline) no município de Belo Horizonte sobre alfabetização.

A escolha desse tema se deu por várias vezes ouvir algumas professoras dizerem que não se alfabetiza na EMEI. Outras diziam que, na educação infantil, não se faz nada, as crianças só brincam. Também ouvia alguns pais que questionavam as práticas, fazendo cobranças e, às vezes, reproduzindo também as mesmas falas. Principalmente os pais das crianças das turmas de 5-6 anos, que por vezes procuravam a coordenação pedagógica para dizer que iriam encerrar a matrícula, com a justificativa que na EMEI não se alfabetiza. Por isso, iam matricular a criança em uma escola particular, pois estavam preocupados que no ano seguinte a mesma estaria no Ensino Fundamental. Com base nisso, surgiu o interesse por pesquisar essa temática.

Foi desenvolvido um estudo que aponta essa etapa da vida do indivíduo como fundamental para sua formação integral como cidadão, que apresenta suas especificidades por ser diferente, mas com uma infinita capacidade para aprender com seus pares de idade, com os adultos e nas interações diárias. Procurarei compreender também essas falas relativas à alfabetização, principalmente das professoras, uma vez que observamos no dia a dia da EMEI atividades significativas com ações pertinentes ao desenvolvimento da leitura e da escrita, que muitas vezes não são reconhecidas como tais.

A escolha deste tema se justifica também diante das experiências vivenciadas ao longo da minha trajetória profissional, a qual possibilitou ver as diversas formas de experimentar com as crianças da educação infantil alguns

percursos da alfabetização. Ressalto que elas demonstram interesse nas ações que envolvem leitura e escrita, mostram-se curiosas para a aquisição de novos conhecimentos e até mesmo nos momentos de brincadeiras reproduzem ações envolvendo a linguagem escrita. Normalmente, por estar inserida em um mundo letrado, a maioria das crianças chegam à EMEI com algum conhecimento relacionado à linguagem escrita. Algumas delas já sabem a letra inicial do próprio nome, e outros já realizam a escrita do mesmo.

É necessário entender que a linguagem escrita faz parte do campo da primeira infância e deve ser ofertada às crianças como direito e não como preparação para o ensino fundamental. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) afirma que:

Nas sociedades letradas, as crianças, desde os primeiros meses, estão em permanente contato com a linguagem escrita. É por meio deste contato diversificado em seu ambiente social que as crianças descobrem o aspecto funcional da comunicação escrita, desenvolvendo interesse e curiosidade por essa linguagem (BRASIL, 1998, p. 127, v.3).

Faz-se necessária a compreensão de que as crianças pequenas atendidas na educação infantil são dotadas de capacidades para se tornarem leitoras e escritoras. Nas suas vivências e interações diárias com outras crianças e com os adultos, elas constroem e reconstróem conhecimentos e dão significado aos seus saberes. Importante ressaltar que as crianças não são iguais, tanto em suas capacidades quanto nas motivações e que seu aprendizado se dá de maneira diferenciada, pois cada criança apresenta seu ritmo e necessita de tempos diferenciados para o desenvolvimento da sua aprendizagem.

Outro ponto importante é compreender que a alfabetização é um processo em que as crianças precisam ser orientadas e estimuladas a pensar nas questões relacionadas à leitura e a escrita. A intervenção da professora é essencial e fundamental em todo o processo proporcionando-lhes situações em que a escrita se torne elemento de seu pensamento. Galvão (2016, p. 26) afirma que:

É interessante, portanto, que a linguagem escrita seja trabalhada nas instituições infantis de modo significativo para as crianças, exercendo funções sociais relevantes para elas, e de maneira indissociada de outras formas de expressão e comunicação de que elas precisam para significar o mundo, apreendê-lo, produzi-lo, torná-lo vivível para o outro.

São as situações de usos reais da leitura e da escrita, que possibilitam às crianças construir suas hipóteses de escrita e de leitura. Muito antes de ler e escrever, elas já são capazes de explorar todos os portadores de textos, bem como fazer leitura de imagens e produzir textos coletivos, tendo a professora como escriba. É preciso tornar visível às pessoas, que as instituições de educação infantil não são apenas um lugar para as crianças ficarem para seus pais trabalharem, mas um lugar de aprendizado significativo para a formação integral das mesmas.

Considerando as concepções em torno da infância e da linguagem escrita, este trabalho pretende analisar as concepções de 25 famílias e 14 docentes da EMEI Jaqueline acerca da linguagem escrita na educação infantil. Para isso, foram aplicados questionários a 25 famílias e 42 professoras. Ressalto que as 25 famílias responderam o questionário, contudo das 42 professoras, apenas 14 responderam. Foi realizado também um plano de intervenção com uma turma de crianças de 5 anos, no turno da tarde na EMEI Jaqueline com o objetivo de observar principalmente as ações desenvolvidas que envolvem a linguagem escrita, bem como o modo como as crianças interagem com os diversos portadores de textos que estão presentes no ambiente escolar e como são ofertados a ela no fazer diário.

Atualmente estou atuando na EMEI Jaqueline como coordenadora pedagógica. Com isso, acompanho o trabalho das professoras e realizo formações com as mesmas, nas quais propomos discussões e estudos de várias temáticas pertinentes à educação infantil. Acredito, assim, que este trabalho poderá contribuir na formação dos docentes da instituição em que atuo, auxiliando-os no planejamento das ações diárias, levando-os a descobrir o potencial e capacidades que as crianças pequenas possuem. Não podemos esquecer que as crianças estão inseridas em um mundo letrado, no qual desde seu nascimento estão em contato com a escrita e leitura, por meio dos sons, cantigas de ninar, acalantos e histórias. Temos como desafio a formação continuada dos docentes, proporcionando discussões sobre as concepções e o fazer pedagógico diário, bem como consolidar com os mesmos a concepção de educação para primeira infância: sujeito pequeno com particularidades, que se comunica com as diversas linguagens. O documento Proposições Curriculares

para a Educação Infantil (2016, p. 61) fundamenta-se no reconhecimento da criança como sujeito competente e de direitos, pleno em seu tempo, protagonista da sua própria história.

Diante disso, propõe-se um projeto de intervenção que possa contribuir para a formação das professoras da Educação Infantil da EMEI Jaqueline, compreendendo que as discussões e o trabalho com a linguagem escrita não se restringem às crianças da pré-escola, mas a todos os sujeitos da infância que estão inseridos na cultura letrada desde seu nascimento. Pretende-se também, atuar na construção de uma proposta política e pedagógica nesta instituição, que reflita essas concepções e que considere a criança, como sujeito de direitos sociais e históricos que já chega à escola com suas vivências e culturas que precisam ser respeitadas e ampliadas. O RCNEI (BRASIL, 1998, p.137, v.3) orienta que “o trabalho com as crianças exige do professor uma escuta e atenção real às suas falas, aos seus movimentos, gestos e demais ações expressivas”. Considera-se importante a observação diária do desenvolvimento da criança, bem como as dificuldades e avanços apresentados por elas ao longo do processo de aquisição da leitura e da escrita e a busca de estratégias que auxiliem a mesma a ampliar suas capacidades na superação dos desafios.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Infância e linguagem

É a partir da concepção de criança, descrita nas Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil, que compreendemos a capacidade que a mesma tem para aprender. De acordo com esse documento, a criança é:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona, e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12)

No Caderno 1 das Proposições Curriculares para Educação Infantil de Belo Horizonte acerca de infância afirma-se que “a infância é, portanto, uma noção historicamente construída a partir das formas de organização das sociedades e das culturas, num processo contínuo de transformações significativas.” (BELO HORIZONTE, 2014. pag. 73). Competente e protagonista da sua história, é na vivência diária com as crianças que se percebe o interesse que as mesmas apresentam em relação aos diversos portadores de textos. Normalmente, nos momentos de releitura de livros, a criança ao seu próprio modo, reproduz o texto lido pela professora com inferências do conhecimento trazido por ela. Reyes Yolanda (2010, p.16), afirma que:

Se todos passamos pela infância e se está demonstrado que o que se constrói nesses anos implica qualidade de vida, oportunidades educativas e, por consequência, desenvolvimento individual e social de cada indivíduo, “oferecer leitura” às crianças menores pode contribuir para a construção de um mundo mais equitativo, propiciando a todos as mesmas oportunidades de acesso ao conhecimento e à expressividade desde o começo da vida.

Oportunizar para as crianças nas vivências diárias o contato com a leitura e a escrita na perspectiva de direito como sujeito da linguagem, de maneira que seja um contato prazeroso e espontâneo é fundamental na sua formação como leitor, de modo que elas encontrem nos textos um sentido, que façam suas descobertas através da criatividade e a imaginação. No cotidiano da escola observam-se, por meio das interações, as crianças construindo relações a partir das linguagens que elas criam para comunicar suas ideias, bem como elaborar significados para seus aprendizados. Vale ressaltar que os

bebês e as crianças pequenas dialogam por gestos, choros, balbucios e outras formas nas quais utilizam do corpo para comunicar-se. Souza (2016) considera que é na infância que se constitui a necessidade da linguagem:

Ao compreender a infância articulada com a linguagem, concluímos que a criança não é apenas uma etapa cronológica na evolução da espécie humana a ser estudada – pela biologia ou pela psicologia do desenvolvimento –, mas sim um ser que participa da criação da cultura através do uso criativo da linguagem na interação com seus pares, adultos e crianças, mas também com as coisas ou os objetos que existem ao seu redor. (MEC/SEB, 2016, p. 16).

Diante disso, infância e linguagem são dois conceitos que estão entrelaçados com a educação infantil, uma vez que atendemos os bebês e as crianças pequenas que vivenciam essa etapa da vida que é a infância. Podemos afirmar que as crianças nessa fase usam das diversas linguagens para comunicar e experimentar o mundo. Os bebês e as crianças pequenas falam através do corpo, usam de vários gestos e movimentos para transmitir seus desejos e anseios. Choram, resmungam, gesticulam, pulam de alegria e criam linguagens nas interações com os outros e na experimentação do mundo.

Em minha prática, percebo diversas situações em que isso acontece. Em 2018 ainda tínhamos o berçário em funcionamento na EMEI e havia uma bebê cuja mãe ia à EMEI, duas vezes ao dia, para amamentá-la. Sempre que a mãe chegava, eu a buscava no berçário para esse momento tão aguardado de encontrar com a sua mãe. No início do ano letivo, ela estava com 5 meses e, ao passar dos dias, observamos que todas as vezes que eu precisava entrar no berçário ela se movimentava para mim querendo que eu a pegasse. Entendi que ela me associou ao momento de amamentar, sendo necessário evitar que ela me visse em outros momentos, pois na maioria das vezes chorava e estendia os braços para mim. Entender esse modo de se comunicar é fundamental para o trabalho docente na educação infantil. Para isso, faz-se necessário um olhar e uma escuta diferenciada em todas as situações que acontecem na sala e nos demais espaços da escola, principalmente no brincar, pois é durante as brincadeiras e interações que as crianças aprendem e se apropriam do mundo. São momentos ricos nos quais elas imitam as situações

diárias, reproduzem falas e atitudes e utilizam do imaginário para criar personagens e dar vida aos objetos, ou seja, se constituem por meio das linguagens.

2.2 Alfabetização e letramento na educação infantil

As Proposições Curriculares para Educação Infantil apontam que cabe ao Profissional da educação infantil oferecer espaços estimulantes e ações adequadamente planejadas, com intervenções pedagógicas que possibilitem o desenvolvimento de todo potencial da criança. Ou seja, faz-se necessário elaborar uma proposta de trabalho pertinente a especificidade das crianças, de maneira que sejam ofertadas a elas ações relevantes que estimulem o aprendizado em todas as esferas. Elas estão em constante movimento e em formação integral, são afetadas em suas interações de modo que aprendem em todo tempo e também colaboram com o aprendizado do outro. Baptista (2010) evidencia que é possível propor para as crianças ações relacionadas com leitura e escrita a partir do interesse que as mesmas apresentam nas interações diárias com os escritos.

Ressaltamos ainda que as brincadeiras e interações – eixos norteadores da Educação Infantil – devem estar presentes em toda proposta de trabalho com os pequenos. A alfabetização *stricto sensu* não deve ser o foco principal da educação infantil. Ainda que em muitas situações a criança por meio das interações e brincadeiras se alfabetize esse não é o objetivo. Como aponta Galvão:

... Na Educação Infantil, muito mais importante do que, por exemplo, ensinar as letras do alfabeto é familiarizar as crianças, desde bebês, com práticas sociais em que a leitura e a escrita estejam presentes exercendo funções diversas nas interações sociais (GALVÃO, 2016, p.26).

Importante dizer sobre a diferença entre alfabetização e letramento. Entendo alfabetização como a ação de alfabetizar, ou seja, tornar o indivíduo capaz de ler e escrever. Podemos dizer que o letramento nos leva a uma dimensão mais vasta, pois um indivíduo pode não saber ler e escrever convencionalmente, mas ser um sujeito letrado que faz uso social da escrita e da leitura no seu cotidiano. Soares (2017, p.24), aponta que:

Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada.

Outro ponto importante de destacar é que promover ações de leitura e escrita para a formação de crianças leitoras precisa ser uma atividade em parceria com a família. Assim, faz-se necessário saber qual concepção as famílias atendidas na educação infantil têm sobre leitura, como leem para os filhos, com qual frequência adquirem livros, o que é feito com os livros do acervo da prefeitura que as crianças ganham nas escolas municipais de Belo Horizonte. Essas e outras questões são importantes para o trabalho realizado com as crianças e a inserção delas no mundo da escrita.

Em reunião com as famílias na instituição na qual trabalho, fizemos um levantamento junto aos responsáveis presentes sobre o uso dos aparelhos digitais usados pelas crianças e o conhecimento que as mesmas têm sobre tais aparelhos, uma vez que são da vivência das mesmas. Dentre os presentes, 95% já haviam comprado um celular ou tablet para sua criança. Em contrapartida quando questionados sobre a leitura de livros a maioria disse nunca ter comprado livros. Outros falaram que a criança só tem contato com os livros em casa quando enviados pela escola. Deram exemplo da sacola literária (projeto de literatura no qual a criança leva para casa um livro para ler junto com a família e às vezes realizam uma ação sobre o livro lido). Diante disso, faz-se necessário uma ação conjunta família e escola, na conscientização da importância de possibilitar as crianças o acesso à cultura escrita. É nesse sentido que entendemos o apontamento de Cruz (2016):

A apropriação da leitura e escrita pelas crianças é um dos vários desafios para as escolas e as famílias. Isso acontece porque, na sociedade contemporânea, a capacidade de ler e escrever tem um valor muito grande, e a escola é a instituição responsável pela educação formal dos integrantes da sociedade. Além disso, tanto a escola como as famílias encaram essa aprendizagem como fundamental para o trajeto escolar das crianças, indispensável para as aprendizagens futuras (CRUZ, 2016, p. 15).

É importante propor o acesso a práticas sociais de leitura e escrita a todas as crianças, pois tal atitude ajuda a diminuir a diferença ao acesso entre

as mesmas em decorrência das questões sociais, culturais e econômicas. Na EMEI Jaqueline, temos famílias que ainda têm pessoas que demonstram não serem alfabetizadas, tal situação se evidencia no ato da matrícula e na liberação de documentos, nos quais às vezes se faz necessário o uso da digital para assinar. Cecília Goulart e Adriana Santos da Mata destacam que:

A oralidade e a escrita são duas modalidades da linguagem verbal, que se organizam em palavras e textos constituindo-nos como pessoas individual e socialmente. Por meio da linguagem verbal, criamos, compomos e recompomos a realidade e a nós mesmos. A linguagem é marca dos seres humanos, aproximando-os e afastando-os de diferentes formas, já que tanto a modalidade oral quanto a modalidade escrita nos formam e encorpam de variadas maneiras, sendo utilizadas de diferentes modos também. (GOULART, MATA, 2016, p. 45).

As crianças que têm acesso aos diversos portadores de textos apresentam habilidades em desenvolvimento quanto ao uso funcional da escrita e da leitura. Na EMEI Jaqueline observa-se que nos momentos de brincadeiras elas simulam situações sociais de leitura e de escrita. Fazem de conta que leem, reproduzem movimentos de escrita e algumas realizam ações das professoras como se estivessem lendo para os coleguinhas. Diferenciam também alguns portadores de textos que estão presentes nas ações diárias. É muito comum em nossa instituição, o trabalho com receitas culinárias, rótulos e embalagens. As crianças produzem massinha caseira seguindo receita e, em seguida, quando questionadas sobre a confecção da mesma sabem dizer passo a passo sobre os ingredientes e modo de preparo. Essas práticas evidenciam a preocupação com o trabalho, com o letramento na EMEI.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO

3.1 A educação infantil como primeira etapa da educação básica

De acordo com o documento Proposições Curriculares para Educação Infantil de Belo Horizonte, o atendimento às crianças de zero a cinco anos nas instituições designadas como creches, surgiu a partir da necessidade de auxiliar mães que precisavam sair para trabalhar, bem como reverter o grande índice de mortalidade infantil. Esse atendimento era caracterizado como assistencialista principalmente à população de baixa renda. As crianças eram atendidas em tempo integral sendo cuidadas por mulheres que demonstravam gostar delas e que já eram mães. Após lutas pelo direito de todos à educação, lideradas por alguns movimentos sociais, a Constituição Federal, em 1988; o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDBEN), em 1996; as Resoluções CNE-CEB nº 01/99 e CNE nº 05/2009, que instituíram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, passaram a reconhecer o direito do atendimento educacional às crianças em instituições públicas.

A partir da LDBEN 9.394/96, o termo creche passou a designar o atendimento à faixa etária de zero a três anos e o termo pré-escola, o atendimento à faixa etária de quatro a seis anos. Diante disso, algumas melhorias para o atendimento das crianças foram conquistadas, bem como os avanços pedagógicos, qualificação dos profissionais, adequação dos espaços e outros. Apesar das lutas e avanços, ainda buscamos para este espaço, atualmente denominado Educação Infantil, melhoria no atendimento às crianças. É importante ressaltar que o parecer CNE/CEB nº 20/2009 traz uma discussão bastante rica sobre a indissociabilidade entre o cuidar e o educar, que deve ser levada em consideração na construção de propostas pedagógicas para a Educação Infantil, tratada em relação: à aprendizagem pelas crianças das práticas culturais de cuidado e autocuidado; à sua afetividade e às relações com o outro; à apropriação de conhecimentos produzidos por seu grupo cultural e pela humanidade.

A EMEI Jaqueline está localizada na regional Norte em uma comunidade caracterizada como classe média baixa. Seu funcionamento iniciou em abril de

2014, com atendimento para crianças de 0 a 5 anos. A mesma tem capacidade para atender 440 crianças, sendo que, em 2019, 40 ficam em tempo integral e 400 em tempo parcial (manhã e tarde). É uma EMEI pertencente à Parceria Público Privada, estabelecida entre a empresa INOVA BH e a Prefeitura de Belo Horizonte, por meio das Secretarias Municipais de Desenvolvimento e de Educação. A empresa parceira assume a construção e a operação de serviços não pedagógicos, como manutenção das instalações elétricas e hidráulicas, segurança e limpeza. É um prédio de dois pavimentos com 12 salas, 1 biblioteca, cozinha, hall de entrada, refeitório e banheiros. Todos os espaços são adequados para as crianças pequenas. Em sua área externa temos dois parquinhos e um pomar. A concepção de que o trabalho coletivo e a participação das crianças nas atividades devem ser prioridade sempre permeou as discussões e as ações dos profissionais em sala de aula e nos espaços externos da EMEI. A proposta de trabalho é realizada observando sempre o cuidado com as crianças e a importância do respeito e do diálogo entre todos da comunidade escolar.

3.2 Docência na educação infantil

Para iniciar o diálogo sobre o docente na educação infantil é necessário lembrar que inicialmente os profissionais designados para atender às crianças eram mulheres que não necessitavam de formação profissional adequada para exercer essa função, pois os atendimentos às mesmas se baseavam apenas no cuidar. “Esse atendimento era feito por mulheres, voluntariamente e exigia-se delas apenas que houvessem vivenciado a experiência da maternidade ou demonstrassem gostar de crianças.” (BELO HORIZONTE, 2014, p. 24).

A partir da elaboração dos documentos que fundamentam esse espaço como lugar de aprendizado e da luta de diferentes movimentos sociais para qualificar o atendimento à infância na educação infantil, a necessidade de profissionais capacitados com formação em nível médio na modalidade magistério foi determinada. Atualmente a legislação orienta habilitação em nível superior, preferencialmente no curso de pedagogia, sendo este um dos mais adequados para uma formação consistente deste profissional. A formação, a

carreira e identidade e valorização do professor são fatores essenciais para as práticas em educação infantil.

O atendimento na educação infantil é diferenciado, pois todo trabalho precisa ser pensado nos bebês e nas crianças pequenas, que ainda, necessitam de cuidados de higiene, alimentação e orientação para o desenvolvimento de sua identidade e autonomia. É importante compreender as especificidades deste atendimento de acordo com as necessidades dos sujeitos. Sendo assim, o cuidar e o educar precisam caminhar juntos na prática docente na educação infantil. Todas as ações precisam ser pensadas de modo a atender as crianças de acordo com suas especificidades, como aponta Isabel de Oliveira e Silva (2016, p.67): “é, pois, com essa visão de educação e de cuidado que os instrumentos normativos que regem atualmente a Educação Infantil definem as diretrizes que devem orientar as propostas pedagógicas e sua implementação nas instituições de Educação Infantil”. Diante disso faz-se necessária a compreensão, por parte dos docentes que atuam na educação infantil, de que as crianças precisam estar na centralidade de toda proposta de trabalho. É necessário que o professor conheça a vida das mesmas, compreendendo que elas trazem desejos e peculiaridades de acordo com suas vivências e experiências. Todo trabalho realizado necessita de planejamento e intervenção sob um olhar observador diário.

É fundamental também na prática docente com as crianças, o diálogo entre escola e família nas trocas de informações relevantes sobre a história de vida da criança, seu contexto familiar e do mesmo modo, cabe aos professores informar aos responsáveis sobre o desenvolvimento das mesmas no âmbito da escola. Nas EMEIs da PBH existe um documento denominado “anamnese” que é preenchido pela professora da criança em entrevista com os pais e ou responsáveis. O documento contempla dados e informações importantes sobre a criança bem como sua rotina diária. A EMEI Jaqueline realiza também quatro reuniões de pais ao longo do ano, sendo que no final de cada semestre as famílias recebem um relatório descritivo sobre o desenvolvimento das crianças nesse período. É um documento que mostra a trajetória da criança na instituição, de modo que a família perceba seus avanços e aprendizados. Além das reuniões de pais, que consideramos coletiva, a escola realiza atendimento

individualizado aos familiares que desejarem, assim como também convoca alguns pais por solicitação das professoras. São nessas trocas que o diálogo vai se estreitando e consolidando.

Atualmente, na EMEI Jaqueline temos 68 servidores, uma diretora, uma coordenadora geral, duas coordenadoras de turno, uma secretária e duas auxiliares de secretaria, cinco auxiliares ao educando (monitoras do integral e das crianças com deficiência), cinco cantineiras, quatro auxiliares de limpeza, dois porteiros, uma encarregada administrativa da INOVA (empresa da parceria) e quarenta e uma professoras e um professor. As professoras em sua maioria com formação acadêmica, sendo que destas apenas uma tem formação em ensino médio magistério. Temos dois grupos bem distintos, uma metade de professoras antigas na PBH e outra metade que iniciou seu trabalho junto com a inauguração da EMEI Jaqueline. Percebe-se ainda, concepções bem diferenciadas sobre o atendimento na Educação Infantil. Questões relacionadas ao cuidar e educar são discutidas com frequência, pois nem todas as professoras absorvem essa especificidade da Educação Infantil como fundamental para a prática diária.

As propostas de formação continuada das professoras da EMEI Jaqueline seguem as orientações da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte e acontecem prioritariamente na formação em serviço. Atualmente as formações acontecem no âmbito da escola, nos tempos extraclasse. São conduzidas e organizadas pela coordenação pedagógica. A avaliação de desempenho dos professores acontece anualmente com formulário encaminhado pela SMED e critérios já definidos e avaliados por nota de 1 a 10. A mesma é realizada em três instâncias: uma individual, uma pelo par e a outra pela direção. Os resultados da avaliação de desempenho incidem sobre a progressão na carreira.

Estar em uma instituição de educação infantil nos proporciona vivenciar o desenvolvimento das crianças quanto à autonomia e à identidade. Permite constatar também a capacidade de aprender e ensinar que elas apresentam. Contudo, no cotidiano da nossa instituição vivenciamos grandes desafios quanto à prática diária. Normalmente, nas discussões, as professoras concordam com as concepções apontadas nos documentos que fundamentam

nossa proposta de trabalho, porém as ações realizadas com as crianças, por algumas professoras, ainda diferem daquilo que é apontado nos documentos. Entendemos a capacidade das crianças e o quanto é fundamental oportunizar às mesmas ações pertinentes à sua capacidade de aprender. Nesse sentido, cabe às professoras elaborar tais ações adequadas ao desenvolvimento delas. Daí o desafio na formação deste profissional tão importante nas instituições de educação infantil. Isabel de Oliveira e Silva sugere que:

Para educar – ensinar, orientar, construir regras de convivência, de uso dos espaços e dos materiais, de organização dos tempos, etc. – é preciso ao mesmo tempo cuidar tanto da dimensão física quanto da social, da afetiva e da cultural. Mesmo porque quanto menor é a criança, mais sua experiência é vivida de forma global, fazendo interagir os diferentes aspectos que a constituem. (SILVA, 2016, p. 66).

3.3 O currículo na educação infantil

Compreender o currículo para educação infantil não é uma proposta fácil, pois muitos são os conceitos de currículo vistos nas instituições escolares. Muitos profissionais ainda não compreendem a importância do mesmo para o atendimento das crianças. As DCNEI definem currículo como:

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL, 2010).

Desse modo, é preciso pensar em um currículo flexível e diferenciado, que é construído de acordo com as crianças e suas experiências. Ele não pode ser uma lista de atividades, mas um percurso na construção e aquisição de novos conhecimentos, aberto para novidades. O currículo é um espaço de ensino e de aprendizagem incontrolável, as ações pedagógicas precisam ser construídas com a participação de todos os sujeitos envolvidos no processo. Os eixos interações e brincadeiras precisam ser contemplados no currículo das instituições, uma vez que as crianças desenvolvem seu aprendizado nas interações diárias. Nos momentos de brincadeiras, por exemplo, elas

constroem conhecimentos e ampliam seus saberes. Maria Carmen Silveira Barbosa e Zilma Ramos de Oliveira destacam que:

As atividades propostas às crianças precisam ser organizadas ao redor de experiências promotoras de interações, brincadeiras, socialização, aprendizagem e consequentemente desenvolvimento das crianças propiciadas em uma frequência regular, sendo, ao mesmo tempo, imprevistas, abertas a surpresas e a novas descobertas. (BARBOSA; OLIVEIRA, 2016 p.30).

Atrelado a um currículo estruturado, deve-se levar em conta que o convívio das crianças no cotidiano das instituições com as outras crianças e com os adultos contribui na formação delas, uma vez que nessas relações desenvolvem a afetividade, experimentam emoções e se constituem como sujeitos que trazem das suas vivências diárias conhecimentos acerca do mundo, tal qual afirma a Base Nacional Curricular Comum para a Educação Infantil:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (MEC, 2016).

O currículo da EMEI Jaqueline destaca a criança como foco do processo educativo, como sujeito competente e de direitos, protagonistas de seu processo de construção de conhecimento. Diante dessa escolha, indica a valorização da diversidade, promovendo a igualdade entre todos os sujeitos e a interação com as famílias e a comunidade. Com isso, propõe que ele (o currículo) será complementado e enriquecido a partir da chegada e do conhecimento das crianças reais e concretas. Portanto, consideramos que o currículo necessita constantemente ser revisto e reelaborado de acordo com as demandas surgidas no cotidiano da escola. As DCNEI sugerem:

É importante lembrar que dentre os bens culturais que as crianças têm o direito a ter acesso está a linguagem verbal, que inclui a linguagem oral e a escrita, instrumentos básicos de expressão de ideias, sentimentos e imaginação. A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar

conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado (DCNEI, 2009, [s.p.]).

Ações de leitura e escrita, assim como os portadores de textos precisam estar presentes no currículo das escolas de educação infantil, pois a escrita ocupa um espaço privilegiado em nossa sociedade e as crianças estão imersas em um mundo letrado. Maria Carmem Silveira Barbosa e Zilma Ramos de Oliveira, afirmam que “o currículo é um elemento central na constituição da proposta político-pedagógica da escola que guia a formação das crianças.” (2016, p.15). Com isso, é essencial a percepção dos docentes na elaboração de uma proposta pedagógica que atenda os bebês e as crianças pequenas. É preciso, portanto, pensar em ações de acordo com suas especificidades. Por isso, julgamos como pontos importantes que necessitam serem observados: a diversidade cultural e religiosa das crianças, bem como as necessidades por alguma deficiência física ou intelectual, o tempo e a organização dos espaços que precisam ser pensados para melhor atender as crianças. Ressalto a importância de um ambiente acolhedor com diversos artefatos culturais e ações que oportunizam as interações como fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem das mesmas.

3.4 Leitura literária na formação da criança como leitora

Ao longo da minha trajetória na educação infantil, observo que as crianças pequenas apresentam grande interesse pelos diversos portadores de textos, contudo a literatura tem seu lugar de destaque no trabalho pedagógico e na formação das crianças. Desde os bebês até as crianças maiores é nítido o encantamento que as mesmas demonstram pelos livros literários e pelas histórias. Diante disso, trago algumas experiências e vivências das crianças da EMEI Jaqueline com a literatura, considerando a importância da literatura como prática de leitura e escrita.

É muito comum elas decorarem a história contida no livro e pedir para contar de novo. Já tivemos uma turma de bebês de 1 ano que desenvolveu um projeto de literatura. Na sala ficavam expostos os livros que eram lidos, porém as crianças daquela turma apontavam sempre o desejo de ouvir a história dos

três porquinhos. E o lobo era o personagem favorito deles. Ele deixou de ser visto como mal e ocupou lugar de preferido pelas crianças. Colomer destaca que:

As crianças recebem a literatura de forma oral ou escrita em formato de papel e, às vezes, em formato de tela. Em qualquer dessas formas, a literatura constitui um instrumento de cultura de primeira ordem. A literatura na Educação Infantil se transforma em uma verdadeira “escada” que ajuda os pequenos a dominarem formas cada vez mais complexas de usos da linguagem e da narração... (COLOMER, 2016, p. 97).

Em 2018 uma professora de uma turma de crianças de 3 e 4 anos desenvolveu um projeto de leitura literária com as crianças. “Conta! Reconta! Que encanta...” Um dos objetivos era proporcionar as crianças desta turma o contato com livros literários que não fazem parte dos clássicos da literatura (chapeuzinho vermelho, branca de neve e outros). Para iniciar o projeto ela reuniu com as famílias e apresentou a proposta do projeto e falou aos responsáveis pelas crianças da importância da literatura na formação das mesmas como leitoras. Confeccionou uma sombrinha literária que fez sucesso com as crianças. Todos os dias a professora pendurava na sombrinha alguns livros para as crianças lerem ao seu modo, era uma sombrinha grande de modo que elas sentavam em baixo dela para ler.

Em uma ocasião a sombrinha foi levada para a regional, a pedido da nossa acompanhante para ser utilizada em uma formação, porém as crianças não foram comunicadas. No dia seguinte, quando chegaram à sala, e não a encontraram, começaram a busca pela sombrinha e a professora iniciou uma problematização, dizendo que não sabia do paradeiro da mesma. Então, iniciou a procura pela sombrinha. Essa situação surgiu ao longo do projeto. Para encontrar a sombrinha fizeram uma lista com a professora de quem poderia ter levado a mesma. Uns diziam ser a bruxa, o lobo. Outros falaram que era o jacaré. Assim, vários personagens foram apontados como suspeitos.

Fui chamada por elas para ajudar a encontrá-la. A professora já havia compartilhado comigo a situação. Disse a eles que queria ajudar, mas conhecia um soldado que talvez desvendasse o mistério. Apresentei então o livro “O soldado Saldanha”, fizemos a leitura da história para que eles conhecessem

melhor o personagem e, assim, outros livros e portadores de textos foram consultados em busca da sombrinha literária. Vale ressaltar que a professora deu asas à imaginação das crianças, que registraram suas descobertas através de placas e cartazes, pendurados nos espaços da EMEI.

No dia que a sombrinha foi devolvida, ela foi colocada no pomar da escola. Organizamos um cantinho de leitura com ela, de maneira que, na hora que eles fossem ao parquinho iriam vê-la. Nesse projeto, a professora confeccionou também uma trilha literária para as crianças levarem para casa junto com um livro escolhida por elas para brincar com a família. O envolvimento das famílias foi fundamental para o sucesso das crianças, os familiares também podiam enviar um livro de casa para ser pendurado na sombrinha literária.

Acompanhar a execução deste projeto de leitura literária nesta turma foi muito válido, era visível o desenvolvimento da oralidade das crianças e o prazer que elas demonstravam com os livros. Um projeto que foi além do proposto uma vez que as crianças tiveram acesso a outros portadores de textos. Como afirmam Angelica Sepúlveda e Ana Taberosky (2016, p. 66) “a leitura de histórias ajuda a aprender linguagem porque requer participação ativa e responsiva em torno do significado do que está escrito e ilustrados nos livros”. Portanto, proporcionar às crianças o acesso aos livros desde bebê faz toda diferença, pois o contato com a literatura desde a mais tenra idade contribui no desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Não podemos negar a elas o direito de ter contato com os diversos portadores de textos, pois estão inseridas em uma sociedade letrada e mostram capacidade para apropriação de vários conhecimentos.

No entanto, a discussão sobre essa temática com as professoras da EMEI faz-se necessária, uma vez que na proposta de trabalho que elas realizam propõem várias ações que envolvem a leitura e escrita que são significativas para as crianças. O projeto, mencionado anteriormente, possibilitou as crianças de 3 e 4 anos várias experiências com diversos portadores de textos. Ao final do ano, elas não estavam lendo e escrevendo de maneira convencional, porém estavam no processo e as experiências com a

leitura de vários livros ajudaram as mesmas a explorar e interpretar o mundo. Busco mostrar para as professoras que tais ações promovem sim a alfabetização e, é importante para a formação das crianças. O importante não é se alfabetiza ou não, mas sim como a linguagem escrita está presente na educação infantil e como as crianças participam das ações no cotidiano da escola.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Analisar as concepções das professoras e das famílias de uma turma de 5 anos da EMEI Jaqueline a respeito da alfabetização e letramento das crianças da educação infantil.

4.2 Objetivos específicos

- Analisar as concepções das professoras da EMEI Jaqueline a respeito da alfabetização e letramento das crianças da educação infantil;
- Investigar as concepções das famílias a respeito da alfabetização e letramento;
- Investigar as práticas de alfabetização e letramento disponibilizadas no currículo de uma turma de educação infantil com crianças de 5 anos, para compreender as concepções de alfabetização e letramento que as subsidiam;
- Indicar lacunas na formação das professoras de educação infantil no que se refere à alfabetização e letramento.

5 METODOLOGIA

Inicialmente foi realizado um levantamento através de questionários na instituição de ensino na qual trabalho, com as professoras das crianças sobre a concepção delas acerca da alfabetização na Educação Infantil. Perguntei se elas consideram importantes práticas de leitura e escrita na Educação Infantil e como elas estão presentes na prática diária. O questionário foi entregue as 42 professoras da EMEI, contudo apenas 14 responderam. O instrumento continha 4 perguntas : **1** - Com suas palavras defina alfabetização. **2** - Você considera importante práticas de leitura e escrita na Educação Infantil? Por quê? **3** - Como estão presentes ações de leitura e escrita em sua prática diária. **4** - Na Educação Infantil é lugar de alfabetização? Justifique sua resposta.

Além disso, ao longo do desenvolvimento do projeto, observamos e acompanhamos uma turma de crianças de 5 anos quanto ao desenvolvimento do aprendizado das mesmas no processo de construção da leitura e da escrita. A maioria delas ingressou na escola a partir dos 3 anos de idade. A observação se deu por meio de registros, pesquisas, análise de projetos e ações planejadas com as mesmas. Os familiares das crianças desta turma também receberam um questionário no qual expressam o que esperam da EMEI em relação às ações de leitura e escrita e o que eles entendem por alfabetização. O questionário das famílias foi elaborado com duas perguntas: 1 – O que a família espera da escola de Educação Infantil, em relação às ações de leitura e escrita. 2 – O que você entende por alfabetização?

Para acompanhar o desenvolvimento das crianças, foram realizadas algumas ações relacionadas à leitura e a escrita que aconteceram nos meses de março, junho, setembro e novembro. Inicialmente foi feita uma atividade diagnóstica que envolve a escrita do próprio nome, escrita espontânea a partir de figuras temáticas. A primeira atividade foi realizada no mês de março, através da qual foi constatada que das 25 crianças dessa turma apenas três ainda estão em desenvolvimento quanto à escrita do próprio nome, sendo que vinte e duas delas já fazem o registro com autonomia. Nesta mesma atividade constatou-se também que quinze crianças já registram sua idade e dez ainda estão em desenvolvimento. Foi possível observar também o nível de escrita a

partir das hipóteses de escrita das crianças do nome de três brinquedos: bola, boneca e bicicleta. A segunda ação com as crianças aconteceu em junho, à terceira em setembro e a última no final do mês de novembro. Todas as atividades realizadas envolveram situações nas quais foram proporcionadas para as crianças situações que envolveram a leitura e a escrita.

Junto ao grupo de professoras realizamos ao longo desta pesquisa algumas formações com temáticas importantes para discussão sobre alfabetização e letramento na educação infantil. As formações aconteceram nos horários de atividade extraclasse.

6 ANÁLISE DOS DADOS

6.1 Questionários das professoras

Ao analisar as respostas das professoras sobre a definição de alfabetização, percebem-se três grupos com concepções bem parecidas. O primeiro grupo define alfabetização como um processo de aprendizagem, que acontece de forma gradativa, de modo que as crianças vão se apropriando da escrita e da leitura sucessivamente. A professora 1 diz: “Alfabetização para mim é um processo, onde a construção do ensino e da aprendizagem favorecem a construção de saberes, respeitando a criança como protagonista da sua própria aprendizagem”. Já a professora 3 a define como: “A princípio a alfabetização se dá como um processo de aprendizagem do alfabeto e o sistema de escrita para a elaboração de palavras, frases e textos”. O segundo grupo define a alfabetização como a capacidade de ler e decodificar os sinais gráficos no sentido mais restrito como parte mecânica da escrita. A professora 12 diz: “Alfabetização é tornar possível à leitura e escrita do símbolo escrito e o uso funcional no cotidiano da linguagem escrita”. Já o terceiro grupo apresenta uma definição mais ampla, alfabetização é ler e escrever de forma convencional, que apresente uma escrita coerente com as regras da gramática e uma leitura fluente com compreensão do que foi lido. A professora 9 define assim: “A alfabetização é um processo de aprendizagem onde se desenvolve a capacidade e habilidade de ler e escrever”. Magda Soares diz o seguinte: Alfabetização: ação de ensinar/aprender a ler e escrever (SOARES, 2017, p. 47). Semelhante a isso, a professora 7 diz: “É um processo de aprendizagem onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever, compreender textos e operações numéricas”.

No que se refere, à importância da leitura e escrita na Educação Infantil todas as professoras consideram importante práticas de leitura e escrita na proposta de trabalho diária. Elas justificam de modo variado a importância dessas práticas. Umam apontam ser importante para estímulo ao desenvolvimento da imaginação das linguagens. Em contrapartida, outras dizem ser importante porque as crianças estão inseridas em um mundo letrado

desde o nascimento. Algumas dizem ser importante porque é na Educação Infantil que a maioria das crianças tem acesso a tais práticas. Como aponta o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI):

Nas sociedades letradas, as crianças, desde os primeiros meses, estão em permanente contato com a linguagem escrita. É por meio deste contato diversificado em seu ambiente social que as crianças descobrem o aspecto funcional da comunicação escrita, desenvolvendo interesse e curiosidade por essa linguagem (BRASIL, 1998, p. 127, v.3)

A professora 8 aponta que: “É importante porque desde o nascimento as crianças são inseridas em um mundo escrito. Nossa sociedade utiliza esses códigos para se comunicar”. Conforme afirma Ana Maria de Oliveira Galvão (2016, p. 16):

Há lugares onde é quase impensável a vida sem a presença do escrito, como acontece nas grandes cidades de qualquer país do mundo. Nos outdoors, no letreiro dos ônibus, na tela dos telefones celulares, nas revistas, nos livros, nas placas de sinalização, nos caixas eletrônicos: o escrito está presente em quase todas as situações da vida cotidiana; dos adultos e das crianças; das elites, das classes médias e das camadas populares. Mesmo aqueles que não sabem ler e escrever estão, nesses casos, imersos em um mundo em que o escrito ocupa um lugar fundamental nas formas de comunicação, de socialização, de registro, de lazer.

Em relação a como estão presentes ações de leitura e escrita na prática diária, as professoras apontam a literatura como primordial. A maioria lê livros literários para as crianças, contam histórias, cantam cantigas de ninar para os bebês e proporcionam acesso aos livros literários e outros portadores de textos, evidenciando a presença do letramento literário na proposta de trabalho. Cosson (2012, s.p.) afirma que “Letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem”. Parreiras (2012, p. 21) por sua vez, afirma que:

Quanto mais cedo a criança se aproxima do mundo dos livros e do universo cultural proporcionado pela literatura, a familiaridade dela trará segurança em si própria e a possibilidade de imaginação e de criação de fantasias e compreensão da realidade. E, certamente, ela poderá gostar dos livros e da literatura.

Nove professoras dão ênfase à aquisição do código da escrita. Apontam o trabalho com alfabeto, fichas com o nome da criança, jogos, registro de letras e do próprio nome, chamadinha e bingo de letras. Uma diz que a leitura e a escrita estão presentes a partir do trabalho com músicas, parlendas e sequência didática. Duas professoras falam da importância de um ambiente alfabetizador, que favoreça a criança vivenciar e experimentar situações reais de leitura e escrita valorizando os portadores de textos. O RCNEI (1998, p.151, v.3) explica que: “um ambiente é alfabetizador quando promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita nas quais as crianças têm a oportunidade de participar”.

Quanto à opinião das professoras sobre na Educação Infantil ser lugar de alfabetização, onze professoras responderam sim. Destas, oito dizem que é possível que as crianças iniciem o processo de alfabetização na educação infantil, pois estão em um mundo letrado e como estão em uma escola num espaço alfabetizador a aquisição da leitura e escrita acontecerá naturalmente. A professora 10 diz: “Sim. Porque as crianças, desde pequenas, tem o desejo de ler e escrever, porque vivem em uma sociedade letrada e na educação infantil esse processo pode ocorrer naturalmente”. Três delas ressaltam sobre a necessidade de observar as especificidade desta idade e manter o lúdico como prioridade, como aponta a professora 7: “ Sim, porém a prática de atividades lúdicas deve ser priorizada nessa fase, brincar com a sonoridade das palavras, reconhecendo semelhanças e diferenças entre os termos, manuseio de todo tipo de material escrito, professor que leia e escreva junto das crianças, etc.” Duas professoras responderam não, demonstrando em suas falas uma concepção de alfabetização diferenciada. A professora 5 diz: “Não com o propósito de ler e escrever, e sim conhecer a função social da escrita, sua importância na comunicação e a inserção da criança na sociedade como sujeito que pensa e transforma”. A outra diz que na educação infantil as crianças devem adquirir e desenvolver outras habilidades. A professora 11 não respondeu nem que sim ou não. Ela diz: “O trabalho na Educação Infantil é alfabetizar letrando, então o trabalho realizado com as crianças possibilitam a elas o desenvolvimento das potencialidades e prontidão para a alfabetização

nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”. Cecília Goulart e Adriana Santos da Mata apontam que:

É importante fortalecer e propor atividades que deem sentido social à escrita que se produz nas instituições de Educação Infantil, diferentes de exercícios repetitivos e instruções ligadas ao conhecimento do alfabeto e das relações entre o que se fala e o que se escreve. (GOULART, MATA, 2016, p. 60).

Diante do exposto, observa-se a necessidade de discussões especificamente com os docentes da Educação Infantil sobre as práticas diárias. No cotidiano da EMEI Jaqueline é possível vislumbrar várias ações que favorecem o desenvolvimento da leitura e da escrita das crianças, práticas que são realizadas desde os bebês até as crianças maiores. Ressalto que muito mais importante do que dizer se acontece à alfabetização com as crianças da educação infantil é como se dá esse processo. Para isso, faz-se necessário que as professoras estejam bem esclarecidas e resolvidas quanto a essa questão. Também é importante compreender que o trabalho realizado nessa etapa da educação é fundamental para a formação integral da criança, e que a escrita e a leitura fazem parte desse desenvolvimento.

A partir da análise feita dos questionários, foi realizada uma intervenção com a equipe de docentes. Realizamos formações nos horários de atividades extraclasse, nas quais foi possível fazer algumas discussões que julgamos importante para esclarecer o questionamento de algumas professoras sobre a alfabetização na educação infantil. A primeira formação foi baseada no caderno 1 de leitura e escrita na educação infantil: ser docente na educação infantil: entre o ensinar e o aprender. Foi um encontro marcado pelos depoimentos das professoras quanto à escolha do magistério e porque está na educação infantil. Para falar dessa escolha, as mesmas utilizaram uma imagem e ou uma escrita. Em seguida fizemos um contorno do corpo de uma delas para que pudessem escrever uma característica fundamental do docente da educação infantil. Falamos ainda, sobre a Docência e formação cultural, Docência na educação infantil: contexto e práticas, e Leitura literária entre professoras e crianças.

FIGURA 1 – Relato das professoras sobre a escolha do magistério e educação infantil



Fonte: Arquivos pedagógicos da EMEI Jaqueline.

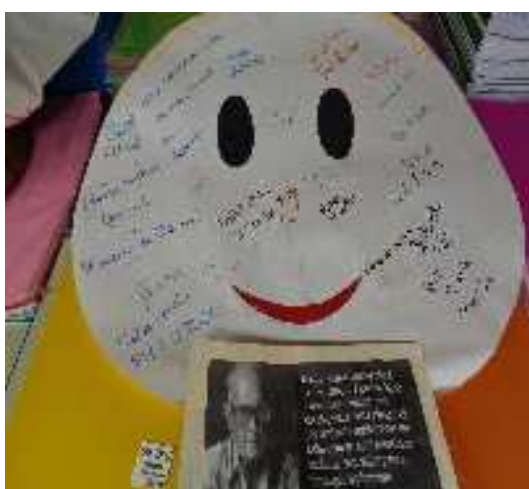
Realizamos ainda outro momento de discussão e reflexão como os pares de idade sobre o currículo da educação infantil. Para direcionar nossa conversa sugerimos alguns tópicos:

- ✓ Currículo: conjunto de aprendizagem oportunizada no ambiente escolar.
- ✓ As culturas negadas e silenciadas no currículo.
- ✓ Todo currículo lida implícita ou explicitamente com três aspectos centrais: O conhecimento, o sujeito, o poder.

Para essa formação utilizamos o caderno 6 “Currículo e linguagem na educação infantil” da coleção leitura e escrita na educação infantil, o livro: Currículo na Educação infantil – Disciplina, Projetos e Práticas Pedagógicas e alguns artigos e textos sobre essa temática.

Dentre outros assuntos, conversamos também sobre os eixos brincadeiras e interações a partir do documento Proposições Curriculares para educação infantil – volume 2, a discussão se deu de modo que falamos sobre as características de cada um dos eixos e a importância deles na proposta de trabalho da educação infantil. Para iniciar a conversa, as professoras escreveram o nome de uma das brincadeiras preferidas da infância e como se dava a interação na época nos momentos de brincar. Ressalto que nos momentos de formação as professoras socializavam práticas que realizam com sua turma.

FIGURA 2 – Dinâmica com as brincadeiras da infância das professoras



Fonte: Arquivos pedagógicos da EMEI Jaqueline.

A realização desta pesquisa no âmbito dessa especialização foi de grande importância para minha formação como professora e coordenadora pedagógica responsável pela formação das professoras da EMEI Jaqueline.

Permitiu momentos de reflexão sobre o papel do professor e das suas práticas diárias na realização de uma proposta pedagógica que visa à construção de conhecimentos e o pleno desenvolvimento das habilidades das crianças pequenas da educação infantil.

6.2 Concepção das famílias

Sobre o que as famílias esperam da escola de Educação Infantil, em relação às ações de leitura e escrita, elas apontaram algumas expectativas. Dezoito delas desejam que a sua criança aprenda a ler e escrever na EMEI. A Família 1 diz que espera: “Que ela aprenda a segurar no lápis e dar os primeiros passos rumo à alfabetização”. Já a família 18 afirma: “Espero que meu filho saia da EMEI conhecendo o alfabeto, os números e iniciando a escrita”. Uma das famílias diz que espera ações que favoreçam o desenvolvimento de valores para a criança ser um bom cidadão. A família 8 diz: “A escola complementa a educação que os pais começam em casa e soma valores que seja novos cidadãos”. Já seis famílias dizem que estão satisfeitas com o trabalho que tem sido desenvolvido, contudo esperam melhorias, como afirma a Família 5: “Espero que continuem a desenvolver formas de ensinar as crianças a gostar de ler e escrever”. A família 24 vai na mesma direção ao dizer o que espera da EMEI: “Estimular aos alunos a ler mais por prazer, promover visitas a biblioteca, buscar variação, respeitar os erros na escrita e não condenar a tecnologia”. A família 25 também sugere ações de incentivo à leitura e escrita, ela aponta: “Espero mais incentivo à leitura e escrita das crianças”.

Diante das respostas das famílias, percebe-se uma preocupação com o aprendizado das crianças em relação à leitura e escrita. Essa é uma realidade na Educação Infantil, a maioria das famílias demonstra que somente as ações que envolvem leitura e escrita são importantes. Contudo, a realidade dessa faixa etária vai muito além, pois normalmente as crianças chegam às Escolas de Educação Infantil com necessidade de desenvolver tantas outras habilidades referentes à autonomia e à identidade, de maneira que a alfabetização vai acontecendo paralelamente de forma natural e espontânea,

de acordo com as especificidades de cada idade e particularidade de cada criança. O documento *Proposições Curriculares para Educação Infantil*, aponta:

Portanto, é função da instituição educativa organizar uma proposta curricular que proporcione, às crianças, o desenvolvimento de todo seu potencial, na perspectiva da formação integral, em que as várias dimensões da formação humana sejam contempladas com igual importância e significado, proporcionando-as meios para atingirem patamares mais organizados de conhecimento e processos complexos de pensamento, favorecendo a sua participação e inclusão nas discussões e busca de respostas para as questões de seu tempo e idade, de sua sociedade, deste mundo, de agora. (BELO HORIZONTE, 2014, volume 1, p. 66).

Em relação à opinião das famílias sobre o que elas entendem por alfabetização, observamos uma diversidade de ideias. De acordo com as respostas, doze famílias entendem alfabetização como ler e escrever de forma convencional, como evidenciam as falas das famílias a seguir: Família 4 diz: “Alfabetização é ensinar a criança escrever e ler”. Família 5: “ Os primeiros passos onde a criança comece a construir a gramática em todas as suas formas ; a capacidade de ler , compreender e escrever”.

Cinco famílias entendem alfabetização como o início do aprendizado das letras do alfabeto. Família 2: “ Alfabetização começa até nas brincadeiras, começa conhecer letras até que se formem palavras”. Duas famílias entendem alfabetização como uma forma da criança se expressar, se comunicar melhor. A família 22 diz que: “É uma maneira muito correta das crianças poderem se comunicar melhor, e se tornar um adulto melhor. Sei também que isso não depende somente das professoras e sim também dos pais e da família”.

Duas famílias entendem alfabetização como valores, educação, formação humana. A Família 21 aponta assim: “Pelo que eu entendo é um método muito importante para constituir na educação da criança a respeito sobre o ensino básico e que é estimulante e bastante necessário para o desenvolvimento das crianças em relação ao seu futuro”. A família 3 entende alfabetização como educação moral, ela diz: “ Eu não entendo muito, mas o pouco que sei tento ensinar meus filhos ser educado, respeitar as pessoas, professora todos porque educação vem de casa”. Já a família 24 entende alfabetização como a forma da criança representar o mundo além dos

desenhos. Ela diz que: “Alfabetização é quando a criança percebe melhor que existem outras formas de representar o meio em que vive além dos desenhos”. Duas famílias entendem alfabetização como um método de ensino importante para o aprendizado da criança que envolve todo desenvolvimento da mesma, inclusive a fala. A família 9 diz: “ Alfabetização é o processo de aprendizado da leitura e escrita. Aprender a ler e entender o que se está lendo. Aprender a se comunicar de forma clara”.

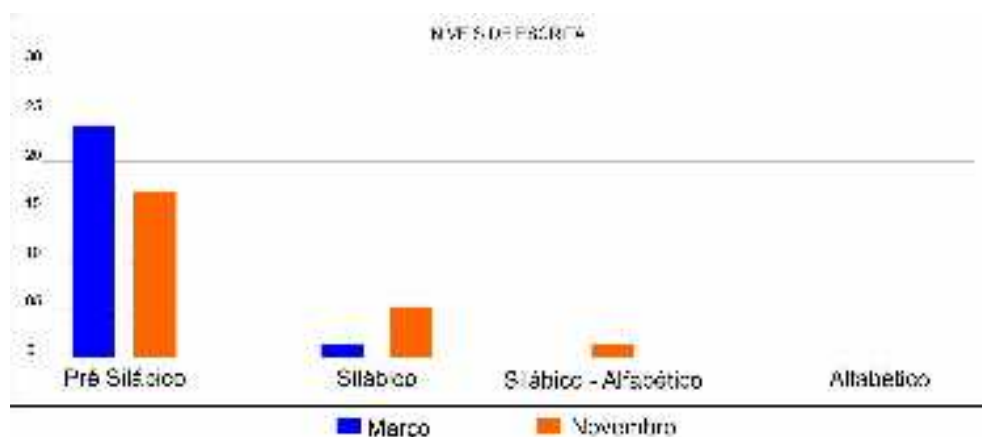
Avalio as respostas como coerentes e pertinentes, pois a maioria das famílias são leigas em relação às discussões sobre alfabetização. Realizar este questionário ampliou o nosso olhar em relação à necessidade de esclarecer as famílias da nossa instituição sobre a proposta pedagógica de trabalho que é realizada junto às crianças, de maneira que elas compreendam e valorizem todas as ações realizadas nesse processo de desenvolvimento integral das mesmas.

A partir dos questionários realizados com as famílias sobre alfabetização na educação infantil, preparamos um encontro, no qual todas as famílias foram convidadas para participar de um bate papo sobre como se dá a alfabetização na EMEI Jaqueline. Nesse encontro foi exposto para os presentes como acontecem às ações que envolvem leitura e escrita, da qual todas as crianças, inclusive os bebês são estimuladas a participar. Para permear nossa conversa foram utilizadas algumas fotos das crianças na realização dessas ações. Os familiares das crianças foram também incentivados a oferecer estímulos e proporcionar em casa, momentos fundamentais no processo de aquisição da leitura e da escrita que acontecem por meio da leitura literária (canções de ninar, parlendas, histórias, livros literários e outros).

7 PLANO DE AÇÃO

Diante das falas de algumas professoras e de algumas famílias acerca do questionamento: Na EMEI alfabetiza? Foi realizada uma pesquisa a junto às crianças de uma turma de 5 anos. Ressalto que a maioria delas estão na EMEI a mais de 2 anos. Para obtenção de dados sobre o desenvolvimento das crianças na linguagem escrita, foram realizadas algumas ações juntas a elas, de modo que proporcionaram perceber se há evolução no desenvolvimento da linguagem escrita, uma vez que essa linguagem está presente na proposta de trabalho sugerida pelas Proposições Curriculares da Educação Infantil da PBH. A intervenção aconteceu em tempos nos quais realizamos atividades que envolveram a linguagem escrita junto às crianças em sala de aula. Inicialmente fizemos uma avaliação diagnóstica da escrita do próprio nome e de desenhos espontâneos. As atividades aconteceram a cada três meses e foram elaboradas de maneira que se evidenciassem os avanços das crianças na aquisição da linguagem escrita.

A primeira atividade visando compreender como estavam às crianças no que se refere à linguagem escrita foi realizada no mês de março, através da qual foi constatado que das 25 crianças dessa turma apenas quatro ainda estão em desenvolvimento quanto à escrita do próprio nome, sendo que vinte e uma delas já fazem o registro com autonomia. Nesta mesma atividade constatou-se também que quinze crianças já registram sua idade e dez ainda estão em desenvolvimento. Foi possível observar também o nível de escrita a partir das hipóteses de escrita das crianças do nome de três brinquedos: bola, boneca e bicicleta. Para uma melhor observação na evolução da escrita das crianças, no mês de novembro elas fizeram outra atividade semelhante a esta que fizemos no mês de março, nessa atividade elas escreveram o nome de 4 animais: cachorro, sapo, jacaré, macaco e leão, de modo que é possível observar a evolução da escrita das mesmas, conforme demonstrando no gráfico abaixo:

FIGURA 3 – Gráfico com resultado da evolução dos níveis de escrita das crianças

Fonte: Elaborado pela autora deste trabalho.

Para elaboração deste gráfico comparativo, analisamos as hipóteses de escrita realizadas pelas crianças nos meses de março e novembro. As hipóteses permitiram classificar as escritas realizadas por elas nos níveis ou etapas da psicogênese da língua escrita no processo de alfabetização: a) *pré – silábica*: a criança ainda não consegue associar a escrita da palavra com o som que produzimos ao falar a mesma. Com isso, usa letras aleatórias e ou desenho ou outros sinais gráficos para representar a escrita; b) *silábica*: nessa hipótese a criança já percebe os sons das sílabas, porém utiliza apenas uma letra para representá-la graficamente; c) *silábica – alfabética*: a criança ainda está no processo de transição para o nível alfabético, com isso para escrever uma palavra utiliza sílabas completa ou uma só letra representando uma sílaba; d) *alfabética*: a criança compreende a formação das sílabas e os fonemas nesse nível de escrita. Já escreve palavras com sílabas simples, mas ainda não domina a regras ortográficas. Esta concepção da aquisição da escrita se associa aos estudos psicogenéticos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, com forte impacto no Brasil, a partir da década de 80, na Educação Infantil e nos anos iniciais destinados à alfabetização.

Destaco que, durante a realização das ações com as crianças era possível visualizar os progressos nas hipóteses de escritas, percebe-se ainda, que elas apresentam uma evolução de modo diferenciado. É importante que a professora respeite esse processo, de modo que valorize o aprendizado de cada criança de acordo com suas especificidades,

oportunizando a elas possibilidades para que o desenvolvimento da linguagem escrita aconteça. De modo geral, as crianças dessa turma, na qual foi realizada essa intervenção, progrediram de forma satisfatória no desenvolvimento da linguagem escrita. Conforme a figura abaixo a criança THÉO encontra-se no nível: silábico – alfabético em transição para o nível alfabético. E a criança ANA CLARA no nível: silábico.

FIGURA 4 – Hipótese de escrita de duas crianças realizadas no mês de novembro. Théo que estuda na EMEI Jaqueline desde os 3 anos e Ana Clara que iniciou na primeira turma do berçário em 2014



Fonte: Documento de registros (portfólio da evolução da escrita) da turma de 5 anos.

Em julho, 19 crianças realizaram outra atividade para avaliação da evolução da escrita do próprio nome e do desenho humano. Após uma roda de conversa sobre família, elas foram orientadas a escrever seu nome em uma folha, em seguida desenhar a família e escrever o nome das pessoas que moram com ela. Durante a realização dessa atividade as crianças se mostraram bem à vontade para falar das pessoas que constituem sua família. Para escrita do nome dos familiares, três das crianças conseguiram escrever o nome de alguns, outras elaboraram hipóteses de escrita na tentativa. A criança

Davi e suas hipóteses de escrita: (PEO) para escrever o nome do irmão PEDRO, (ME) para escrever MÃE, (PI) para escrever PAI e (R) para escrever o nome da tia RITA.

FIGURA 5 – A escrita dos nomes dos familiares da criança Davi: PEDRO, MÃE, PAI e RITA



Fonte: Documento de registros (portfólio da evolução da escrita) da turma de 5 anos.

Durante a realização dessa atividade as crianças fizeram questionamentos em relação à escrita. A criança Emanuel disse que Jesus morava em sua casa, porém não sabia escrever junto, mas pediu que eu ditasse as letras que escreve Jesus, pois assim ele sabia escrever. Ele diz: “Margarete, sei escrever letras, nome junto não...” A criança Pedro na tentativa de escrever o nome dos seus familiares, repetia várias vezes, demonstrando necessidade de ouvir as letras pronunciadas, evidenciando a importância da consciência fonológica no processo de aquisição da leitura e escrita. Percebe-se também muita insegurança nas tentativas de escritas, parece que as crianças começam a perceber que existe uma maneira correta de escrever, com isso insistem para que a professora diga à maneira que eles acreditam ser a certa.

Observa-se ainda que duas crianças que estavam em desenvolvimento quanto à escrita do próprio nome, na primeira atividade realizada no mês de

março, conseguiram consolidar essa escrita. Sete crianças mostraram evolução na escrita do próprio nome completo e apenas duas continuam em desenvolvimento, contudo é possível perceber na escrita das mesmas, avanços.

FIGURA 6 – Evolução da escrita do nome próprio da criança DANILO



Fonte: Documento de registros (portfólio da evolução da escrita) da turma de 5 anos.

Percebe-se também evolução significativa no desenho da figura humana com grande destaque para uma das crianças que mostrou excelente evolução, pois seus desenhos foram feitos com riquezas de detalhes, inclusive com expressão facial.

Em setembro, propus outra atividade em sala com a turma. Preparei cinco cantinhos com atividades diversificadas. Um canto com livros literários, outro com sucatas digitais, um com carrinhos e bonecas, outro com papéis, pincéis, lápis e giz de cera e outro com rótulos e embalagens. Os cantinhos foram preparados enquanto as crianças estavam no refeitório.

FIGURA 7 - Cantinhos com atividades diversificadas

Fonte: Elaborado pela autora deste trabalho.

Ao retornar expliquei a elas que tinha preparado a sala para elas brincarem. Ao entrarem na sala, elas demonstraram espanto. A maioria delas foi para o cantinho digital e cinco meninas para o cantinho com papéis e pincéis e logo iniciaram os desenhos. Nos desenhos livres as crianças escreveram o próprio nome, algumas escreveram até o sobrenome e a maioria fez desenho de coração, flores e figuras humanas.

FIGURA 8 – Momento em que as crianças escrevem e desenham

Fonte: Elaborado pela autora deste trabalho.

Inicialmente nenhuma criança demonstrou interesse pelos livros. Pensei. Será por que já conhecem os livros? Ou eles não gostam de livros? Até que uma delas pegou um dos livros, assentou-se na cadeira e começou a folhear. Então, ouvi que ela iniciou a leitura do mesmo “Era uma vez...” Lucas pegou um dos livros, folheou, leu a seu modo, em seguida fez a releitura da capa, seu amiguinho Kerllon também assim o fez com outro livro.

FIGURA 9- Lucas lê um livro ao seu modo e elabora uma atividade sobre o mesmo



Fonte: Elaborado pela autora deste trabalho.

Observei algumas crianças escrevendo nos papéis. Perguntei a uma delas o que você está fazendo? Ela respondeu: “Estou escrevendo igual um professor”. Outra criança respondeu: “Margarete, eu sei escrever, mas não sei ler junto, só sei ler letras e meu nome”.

FIGURA 10 - Momento em que a criança responde que está escrevendo igual a um professor



Fonte: Elaborado pela autora deste trabalho.

Geovanna se aproximou perguntando: “Professora, Posso brincar de loja?” E logo começou a organizar as embalagens no chão da sala, empilhando

como se fosse uma prateleira, outras crianças pediram para ajudar e ela começou a delegar as funções e onde cada uma ficaria na loja, evidenciando o conhecimento prévio que a mesma já apropriou sobre uma loja.

FIGURA 11 – Organização de uma loja com as embalagens



Fonte: Elaborado pela autora deste trabalho.

Achei interessante nessa atividade que a proposta era brincar, em nenhum momento falei que havia cantinho para brincar, outro para ler e/ou escrever. Com o interesse e o envolvimento demonstrados pelas crianças percebi o valor que a leitura e a escrita têm na vida delas. Por si só, elas demonstraram prazer em escrever, desenhar, colorir e ler. Escreveram o próprio nome e comunicavam entre si o que estavam desenhando ou escrevendo. Observei também que já sabem manusear os livros e diferenciam letras de imagens, leem a seu próprio modo e outras que já conheciam a história contida no livro faziam o reconto para os colegas próximos. Em relação aos rótulos e embalagens, algumas crianças sabiam ler o nome dos produtos, pois são comuns a elas e o conhecimento de mundo já embutido está nelas, o que trouxe a perspectiva de brincar de loja, uma vez que elas já sabem que são produtos comprados em supermercados e lojas.

Destaco que nessa brincadeira foi possível perceber as diferentes práticas de letramento que são desenvolvidas na EMEI, pois os rótulos e as embalagens de produtos são portadores de textos com função de informar. Portanto, proporcionar as crianças manipular os rótulos e as embalagens de produtos que são comuns na casa delas e também nos diversos espaços ocupados por elas nas interações diárias é oportunizar um momento rico, no

qual, normalmente, elas leem espontaneamente os nomes dos produtos, identificam letras conhecidas e expõe todo conhecimento que sabe acerca do mesmo. Diante disso não podemos negar o direito que as crianças na educação infantil têm de apropriar-se desses conhecimentos, pois estão presentes no cotidiano das mesmas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou que a educação infantil é lugar de grandes descobertas e aprendizado. Os bebês e as crianças pequenas aprendem em todo tempo, mostram-se aptos e capazes de se apropriar de diversos conhecimentos. Nas experiências diárias, experimentam novos saberes e, enquanto exploram tudo em seu entorno, aprendem. Contudo, é necessário que sejam respeitados os limites e as especificidades de cada faixa etária.

Em relação à linguagem escrita, a turma de crianças observada apresentou desenvolvimento dessa linguagem de modo natural e progressivo. Elas demonstraram ainda muito interesse e satisfação em participar das ações que envolvem práticas de leitura e escrita. Evidenciam o processo de alfabetização sendo iniciado de modo espontâneo e legítimo nesse tempo, na educação infantil.

Ao atentarmos para as concepções das famílias sobre o que entendem por alfabetização e o que elas esperam da EMEI em relação às ações de leitura e escrita, faz-se necessário que este diálogo continue para que elas sejam esclarecidas quanto à importância da família na vida escolar das crianças. Faz-se necessário também, que a EMEI proponha momentos e ou ações junto às famílias para que as mesmas participem das atividades desenvolvidas na escola e sintam-se a vontade para contribuir com seus saberes e conhecimentos, sentindo-se parte de todo processo de aprendizagem das crianças que acontece na escola.

Quanto às professoras, cabem formações e discussões nessa temática, de modo que compreendam a necessidade de ofertar às crianças o acesso a todos os conhecimentos, entendendo que por meio das interações e experimentações, elas adquirem novos aprendizados. Diante do exposto, entende-se que a formação das crianças, como leitoras e escritoras perpassa pela urgência em termos professoras capacitadas e comprometidas com o ensino oferecido nas instituições de atendimento à Educação Infantil. Docentes que conheçam as peculiaridades da infância, levando-as em consideração na organização dos espaços, tempos e rotina, que tenham consciência e clareza quanto ao cuidar e educar, que compreendam que a educação infantil é espaço

de aprendizados significativos no processo de alfabetização das crianças. Que considerem o nível de desafios trazidos por elas, no curso do seu processo de ensino aprendizagem e na sua formação como sujeito.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Currículo e educação infantil. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Currículo e linguagem na educação infantil** / Secretaria da Educação Básica. - 1. ed.-Brasília: MEC/SEB, 2016.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Proposições Curriculares para a Educação Infantil: Fundamentos**. Belo Horizonte: SMED, 2014. 136 p.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Proposições Curriculares para a Educação Infantil: Eixos Estruturadores**. Belo Horizonte: SMED, 2015. 190 p.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. Resolução CNE /CEB n. 05, de 28 de maio de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC /SEF, 1998. Vol. 3.

COLOMER, Teresa. As crianças e os livros. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Crianças como leitoras e autoras** / Secretaria da Educação Básica. - 1. ed. -Brasília: MEC/SEB, 2016.

COSSON, Rildo. Letramento literário. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Termos de Alfabetização Leitura e Escrita para educadores. Belo Horizonte: Ceale, 2012. Disponível em: ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. Aprender a ler e a escrever: as expectativas das famílias e da escola. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Diálogo com as famílias**: a leitura dentro e fora da escola / Secretaria da Educação Básica. - 1. ed.- Brasília: MEC/SEB, 2016.

ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JAQUELINE. Projeto Político Pedagógico. Belo Horizonte: 2017.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Crianças e cultura escrita. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil**: práticas e interações / Secretaria da Educação Básica – 1.ed.-Brasília: MEC/SEB, 2016.

GOULART, Cecília; MATA, Adriana Santos da. Linguagem oral e linguagem escrita: concepções e inter - relações. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil**: práticas e interações / Secretaria da Educação Básica – 1.ed.-Brasília: MEC/SEB, 2016.

Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular–BNCC 2ª versão**. Brasília, DF, 2016.

Ministério da Educação. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**: MEC, 2006.

PARREIRAS, Ninfa. **Do ventre ao colo, do som a literatura**: livros para bebês e crianças / Ninfa Parreiras. – Belo Horizonte: RHJ, 2012.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária**: leitura e literatura na primeira infância / Yolanda Reyes. – 1. ed. – São Paulo: Global, 2010.

SEPÚLVEDA, Angélica; TEBEROSKY, Ana. As crianças e as práticas de leitura e de escrita. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Crianças como leitoras e autoras** / Secretaria da Educação Básica. - 1. ed. -Brasília: MEC/SEB, 2016.

SILVA, Isabel de Oliveira e. Docência na educação infantil: contextos e práticas. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Ser docente na educação infantil**: entre ensinar e o aprender / Secretaria da Educação Básica. - 1. ed. - Brasília: MEC/SEB, 2016.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. – 3. ed.; 4. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SOUZA, Solange Jobim e. Infância e linguagem. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Ser criança na educação infantil**: infância e linguagem / Secretaria da Educação Básica. - 1. ed. -Brasília: MEC/SEB, 2016.

APÊNDICE A**Questionário - Professor (a)**

Nome: _____ Tempo de atuação na Educação Infantil: _____

1. Com suas palavras defina alfabetização. _____

2. Você considera importante práticas de leitura e escrita na Educação Infantil? Por quê? _____

3. Como estão presentes as ações de leitura e escrita em sua prática diária? _____

4. Na Educação Infantil é lugar de alfabetização? Justifique sua resposta. _____
